

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT12.015

SABERES ANCESTRAIS E NOVAS TECNOLOGIAS DE PESQUISA: VEM DAS MATAS A CURA PARA A HUMANIDADE?

CARLA CARVALHO DE AGUIAR

Especialista em Gestão Escolar Integradora pela Universidade Castelo Branco - RJ, ssillos@yahoo.com.br.
Professora de História - Prefeitura Municipal de Vitória / Prefeitura Municipal de Cariacica.

SILVANIRA APARECIDA LIMA SILLOS

Doutora em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, carlaaguiar.bio@gmail.com. Professora de Ciências - Prefeitura Municipal de Vitória / Prefeitura Municipal de Vila Velha.

RESUMO

A integração de componentes curriculares e a contextualização destes à realidade dos educandos é uma estratégia promissora para o planejamento de aulas mais atrativas e transformadoras. Desta forma os conteúdos são ensinados de forma mais conectada ao cotidiano do educando e isso pode auxiliar na apreensão desses, além de fortalecer e valorizar os saberes dos educandos, como Freire pontuava em sua obra. Nesse relato de experiência é evidenciado o trabalho de conteúdos ligados à medicina (tradicional e científica), saberes populares, práticas medicinais indígenas e africanas, considerando, principalmente, os componentes curriculares Ciências e História mas, para além deles e juntamente com estes, valorizando as vivências dos educando e os saberes que estes trazem sobre esse conteúdo, enriquecendo-o e oportunizando que os próprios discentes complementem e atualizem conceitos adquiridos ao longo de suas vivências. O desenvolvimento da prática relatada se deu ao longo de um trimestre, tendo como público alvo estudantes do segmento de educação de jovens e adultos (EJA) da Escola Admardo Serafim de Oliveira, da rede municipal de Vitória - ES. A referida escola possui em seu projeto político-pedagógico os ideais Freireanos e uma das práticas realizadas é a bidocência, bem como o ensino contextualizado e considerando conteúdos transversais, como relações étnico-raciais. Assim, algumas práticas realizadas nesse contexto foram: roda de conversa com a comunidade escolar com uma

referência na área, Dra Henriqueta Sacramento, construção de livretos sobre plantas medicinais e apresentação dos principais resultados obtidos ao longo do trimestre em um seminário da escola, em que os estudantes protagonizaram a mostra. Conceitos como medicina tradicional e sustentabilidade, valorização de saberes ancestrais na medicina, novas tecnologias como aliadas nas aprendizagens por meio de pesquisas e construções pedagógicas foram trabalhados e os resultados puderam ser percebidos ao longo do proceder pedagógico. Como principais resultados desse trabalho podemos citar: criação de um plano de trabalho trimestral a ser compartilhado com pares o qual centrou o educando como protagonista no fazer pedagógico e que pode ser replicado considerando adaptações pertinentes a diferentes realidades; a produção de livretos contendo informações principais por parte dos educandos- sobre plantas medicinais africanas e indígenas (brasileiras); a oportunidade de um espaço de troca de saberes entre a comunidade escolar e uma referência nacional na área de homeopatia e fitoterapia; a produção de uma coleção de mudas de plantas de origem africana e indígena e identificação dessas espécies e origens para apresentação em um seminário aberto à comunidade escolar; a realização de uma prática didática pautada na pedagogia da autonomia, valorizando os saberes populares e prévios dos educandos e uma educação que se vale desses mesmos saberes na construção de novos aprendizados de forma crítica e para a transformação.

Palavras-chave: Medicina tradicional, Medicina científica, Bidocência, Plantas medicinais, saberes ancestrais.

INTRODUÇÃO

O trabalho com a Educação de Jovens e Adultos - EJA, apresenta tantas experiências engrandecedoras quanto, por vezes, desafiadoras. Abordando especificamente o trabalho com a EJA na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) EJA Professor Admardo Serafim de Oliveira (ASO), cuja base político-pedagógica se dá nos ideais freireanos, e com um público-alvo que, em sua maioria, pertence a minorias, oportuniza a seus professores e professoras o contato com estudantes de diferentes realidades e possibilidade de “furar bolhas” impostas pela convivência com nichos, por vezes, repetidos. Devido ao projeto político-pedagógico da escola, há a possibilidade de seguir um currículo e didática diferenciados quando comparados a outras EMEFs. Como exemplos, na EMEF EJA Professor Admardo Serafim de Oliveira acontece o trabalho bi-docente, em que há o desafio de agregar conteúdos de dois componentes curriculares, além do trabalho concomitante de um tema transversal de estudo, escolhido e construído pela escola como um todo, e um tema trimestral (a saber: a mulher na sociedade, diversidade sexual e relações étnico-raciais).

No terceiro trimestre de 2022 na EMEF EJA Professor Admardo Serafim de Oliveira, com a temática trimestral relações étnico-raciais e o tema transversal “Você tem fome de quê?” (versando sobre que tipos de fome os estudantes têm enquanto integrantes da sociedade nos contextos em que estão e ocupando os espaços que ocupam) o tema escolhido para trabalho nas disciplinas Ciências e História foi: Plantas medicinais de origem africana. O trabalho com a temática abordou conceitos de História, Ciências da Natureza, Geografia, Antropologia (com a reflexão da vivência social, saberes ancestrais e conhecimentos da medicina popular dos alunos), entre outros. A união das referidas disciplinas se mostrou muito potente e possibilitou um trabalho que ultrapassou a proposta inicial. Além da história das plantas de origem africana de uso pelos estudantes e a medicina popular, foi trabalhado ao longo do processo pedagógico também a relação de práticas medicinais alternativas por povos indígenas, além de práticas medicinais do Oriente, trazendo a relação da medicina chinesa e indiana e seus tratamentos na cultura e medicina brasileira.

Há uma ligação muito estreita entre o continente africano e o Brasil. Os africanos que forçadamente chegaram ao Brasil trouxeram consigo uma cultura diversa e milenar. “As heranças africanas estão presentes em diferentes aspectos da vida

social e cultural brasileiras, até hoje, e conformam aspectos fundamentais da identidade nacional” (SOUZA, 2014). Assim, muitos saberes populares sobre a utilização de plantas medicinais para o alívio de mal-estares vêm da África. Um exemplo disso é o uso popular de plantas de origem africana, como, por exemplo, o boldo (*Coleus sp.*) e a camomila (*Matricaria recutita L.*), muito conhecidas e utilizadas pela população brasileira (VAZ & JORGE, 2006; SENAR, 2017). Outra planta muito utilizada na indústria de cosméticos é a babosa (*Aloe vera*), também considerada uma “planta de origem africana” (VAZ & JORGE, 2006; LORENZI; SAAD et al., 2016; SENAR, 2017).

Segundo material produzido pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, “saberes populares estão ancorados na cultura, que constitui um dos principais fundamentos da identidade de um povo e é expressa no modo como transforma a natureza para prover sua existência, como se relaciona com o mundo e se comunica, como festeja e como chora” (NESPOLI et al, 2021). Dentre as práticas, saberes populares, podemos citar a fitoterapia, conhecimento da cultura popular e passado de geração para geração. Há décadas a Prefeitura de Vitória (ES), mantém um programa de Fitoterapia em articulação com outras secretarias, como a SEME, inclusive com distribuição de medicamentos fitoterápicos, além de “distribuir e incentivar o cultivo, o conhecimento sobre o uso e o preparo correto dos chás e xaropes” (PMV, 2013). Na parte final do projeto, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer outras plantas medicinais e seus usos, com uma roda de conversa com a professora doutora Henriqueta Tereza do Sacramento.

No decorrer do projeto, observou-se que muitos estudantes desconheciam a origem africana de algumas plantas de uso comum, como o boldo ou a babosa. Em sua pesquisa de mestrado Érica Mascarenhas analisa que essa invisibilidade não se deu de forma aleatória: “a dificuldade de encontrar autores que desenvolvam, na área de (...) ervas medicinais, (...) se deve ao processo de colonização, que proporcionou o apagamento histórico das contribuições ancestrais africanas.” (MASCARENHAS, 2021). Historicamente, como forma de dominação também cultural, o colonialismo europeu trouxe uma visão negativa da África, depreciando, quando não escondendo, todas as realizações daquele continente. Isso se deu também em relação à medicina tradicional africana. A mesma autora ressalta a antiguidade do continente africano no tratamento com plantas, havendo inclusive no Mali “um centro de ensino em medicina, que ensinava o uso de mais de 1.000 plantas e de produtos de origem animal no tratamento de doenças.” (MASCARENHAS, 2021). Com relação à medicina tradicional, a OMS (Organização Mundial de Saúde) conceitua esta como

a somatória do “conhecimento, da habilidade e das práticas baseadas em teorias, crenças e experiências de indígenas e povos de diferentes culturas” (WHO, 2013).

O presente relato traz uma descrição reflexiva e crítica de um trabalho pedagógico realizado em um trimestre com a temática plantas medicinais de origem africana de uso pela população brasileira, exercendo a bi-docência nos componentes curriculares Ciências e História. Nesse desenvolver do trabalho foram aplicados os ideais freireanos para didatizar o conteúdo plantas medicinais de origem africana de uso pela população brasileira. Nesse caminho, buscou-se abordar e receber as informações dos estudantes sobre os saberes populares deles, entendendo que valorizá-los é também valorizar a cultura popular, com seus conhecimentos ancestrais.

METODOLOGIA

A prática relatada foi realizada ao longo do terceiro trimestre de 2022 com estudantes da Educação de Jovens, Adultos (EJA) da EMEF EJA Professor Admarco Serafim de Oliveira, no município de Vitória, Espírito Santo (ES), Brasil. As regiões de Vitória (ES) em que o trabalho se deu incluem os bairros: Santo Antônio, Ilha das Caieiras/São Pedro, Goiabeiras e Gurigica.

Os componentes curriculares envolvidos na temática trabalhada foram Ciências e História, com o tema principal: Plantas medicinais de origem africana. Outras temáticas trabalhadas concomitantemente, de maneira integrada foram: “Você tem fome de quê?”, como tema transversal anual da escola; e relações étnico-raciais, como temática trimestral da escola. Os relatos e metodologia utilizados neste trabalho são passíveis de reprodução em outras instituições e por outros componentes curriculares, desde que feitas as devidas adaptações pertinentes a cada realidade/contexto escolar, uma vez que abordam conceitos importantes para além das referidas disciplinas e auxiliam no pensamento crítico dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico.

ESTUDANTES

O público-alvo dos estudos foram estudantes do segundo segmento (6º ao 9º ano) da EJA, abrangendo a faixa etária entre 15 e 70 anos. Compunham esse corpo discente, estudantes com diferentes condições cognitivas e formas de

aprendizagem (pessoas em situação de rua, idosos, adolescentes, adultos empregados e desempregados, etc). Compunham assim, uma sala de aula plural, com idades e visões de mundo diversas. Toda essa diferença foi importante, uma vez que proporcionaram diferentes condições para um melhor aprendizado dos/das estudantes.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

As práticas envolveram uma estrutura de aula que contava com, pelo menos, as duas seguintes etapas: acolhida (recepção dos estudantes em aula com alguma reflexão, frase, música ou outro, relacionados à temática trabalhada) e desenvolvimento de aula com produção (sendo essa um exercício, cartaz, escritos no caderno, ou outros que envolvessem escrita e consolidação de aprendizados de aula). O formato das aulas ao longo do trimestre foi diverso, abrangendo explicações expositivas e argumentativas contextualizadas às vivências dos estudantes, rodas de conversa, composição de uma mesa de chá para diálogo sobre ervas medicinais utilizadas para chás, momento de meditação e reflexão quanto a práticas milenares do oriente, produção de textos individuais, escrita coletiva, uso de imagens e músicas alinhadas à temática de estudo, utilização de jogos com fins didático-pedagógico, utilização de mapas e globos terrestres para contextualização dos conteúdos, construção de livretos explicativos das funções de plantas medicinais, roda de conversa com convidada externa (Henriqueta Tereza do Sacramento) para conversa sobre plantas medicinais, entre outros. Outro elemento importante no desenvolvimento do trabalho foi a utilização do samba-enredo de 2017 da escola de samba Novo Império, intitulado: “A cura para o mundo está aqui, Vitória, um manto cheio de esperança”, o qual aborda a importância das plantas medicinais, cultuada por nossos ancestrais, na medicina, exaltando que vêm das matas a cura para a humanidade. O samba-enredo aborda a questão de estudo de forma contextualizada à realidade dos estudantes e ambienta o tema em Vitória, cidade também da escola e da maioria dos estudantes que nela estão inseridos. A música por completo é apresentada ao final do artigo (Anexo I).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando conteúdos do componente curricular Ciências, iniciou-se os estudos com sistemas do corpo humano e a relação entre saúde humana e saberes populares. Alguns sistemas mais aprofundados foram sistema excretor e respiratório, em que dialogou-se sobre cuidados com a saúde destes e do corpo humano como um todo, relacionando-se esse conteúdo a sabedorias populares sobre cuidados com esses sistemas humanos (como o uso de diuréticos e plantas medicinais) e como elas foram e são tratadas ao longo dos anos pela sociedade brasileira. Nesse contexto, abordou-se também os conceitos de medicina científica, tradicional e popular realizando uma abordagem histórica dessa construção de saberes. Ainda, após o diálogo sobre o uso de diuréticos e de chás na medicina popular, preparou-se uma mesa de chá para os estudantes em que aprofundou-se a temática dialogada na prática.

Figura 1. Mesa de chá preparada para os(as) estudantes. Em diálogo com o trabalho em sala de aula, diuréticos e chás medicinais na medicina popular, bem como saberes ancestrais, foi posta uma mesa de chá e discutiu-se sobre os efeitos dessas plantas nos sistemas humanos. Antes do consumo, informações como conteúdo nutricional foram compartilhadas com os(as) estudantes, atentando para possíveis restrições alimentares.



Com relação a plantas medicinais e fitoterapia, abordou-se o conceito de plantas nativas e pesquisou-se plantas medicinais de uso no Brasil que são originárias do continente africano. Algumas descobertas e registros trazem plantas como camomila, babosa e boldo as quais eram conhecidas pelos estudantes mas muitos desconheciam sua origem na África. Assim, as plantas foram mais extensamente pesquisadas para verificação de nome científico, nome popular, usos medicinais, descrição de uso, cuidados e benefícios. Essas pesquisas culminaram na produção de um livreto sobre essas plantas medicinais de origem africana ou de uso indígena para uma mostra da escola, no seminário trimestral da escola sobre relações étnico-raciais (Figura 2). Os livretos foram apresentados no seminário trimestral da escola, juntamente com mudas das plantas pesquisadas ao longo das aulas (Figura 3). Durante algumas aulas, conectou-se o uso de plantas com a religiosidade praticada pelas mulheres benzedadeiras do bairro São Pedro. Os/as estudantes refletiram sobre como esta prática popular era utilizada há muitas décadas e os motivos, para atualmente, estar desaparecendo.

Figura 2. Exposição de livretos sobre plantas medicinais de origem africana ou de uso indígena, os quais foram expostos em seminário trimestral da escola sobre relações étnico-raciais.



Figura 3. Exposição de exemplares de plantas de origem africana ou de uso indígena no seminário trimestral da escola sobre relações étnico-raciais.



Após trabalhar com plantas medicinais de origem africana ou de herança indígena, compartilhou-se com os estudantes o samba-enredo “A Cura Para o Mundo Está Aqui, Vitória, Um Manto Cheio de Esperança”, da escola de samba Novo Império, 2017. Na letra (que é compartilhada ao final do texto, no Anexo I) é trazida a mensagem de ancestralidade das plantas, ervas medicinais, cultuadas por ancestrais africanos, o que alinha-se muito bem ao trabalhado em sala de aula. Ainda, a referida escola de samba é de origem capixaba, aproximando a mensagem dos estudantes, seja pela vivência, seja pela linguagem local. No trecho do samba-enredo:

“Cruzou o mar, da África para o Brasil
 Os negros desta pátria mãe gentil
 Trouxeram a sabedoria
 Mistérios, magias, crenças e rituais
 Herança que a negritude nos trás ”

Foi dialogado com os estudantes sobre a cultura dos negros africanos escravizados no Brasil, sobre como essa herança foi integrada no país, e a que custo, e

como vemos reflexos da época escravocrata até hoje, no preconceito com a cultura e outros relacionados a/ou que venham da África. Trechos do samba-enredo foram compartilhados em outros momentos de aula, sendo apresentados como acolhida, discutindo-se o conteúdo das estrofes (Anexo I).

A medicina tradicional africana com suas plantas curativas, é milenar. Há estudos que indicam que desde antes do Egito antigo, já havia escolas médicas em cidades africanas (GUIMARÃES, 2021). No continente africano, 80% das pessoas, se utilizam de plantas para cuidar da saúde, tanto por tradição, quanto pela precariedade dos sistemas de saúde (JAMES et al., 2018; VIGGIANO, 2020; WHO, 2022).

Ampliando o conhecimento sobre medicina tradicional para outros continentes, discutiu-se sobre a medicina tradicional chinesa, japonesa e indiana. Muitos dos estudantes desconheciam as práticas e tratamentos utilizados. Discutiu-se as práticas de saúde como a fitoterapia, a acupuntura, yoga, massagens, exercícios de respiração, como a meditação, sendo esta última prática também realizada nas turmas (como acolhida aos estudantes). A medicina oriental integra corpo e mente, a pessoa é vista em sua integralidade, na busca pelo equilíbrio físico e mental, do autocuidado com a saúde.

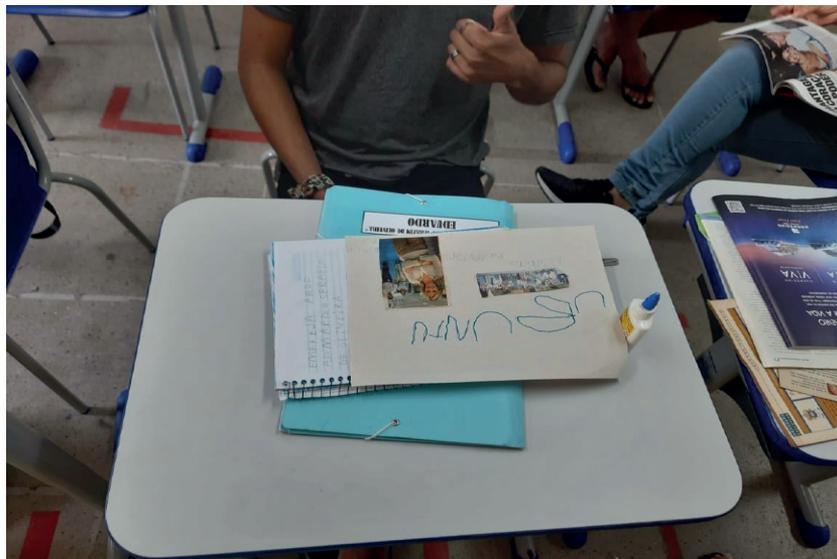
Em conexão com o que foi trabalhado sobre medicina tradicional oriental (chinesa, japonesa e indiana), apresentou-se aos estudantes a mandala *Ikigai*, a qual pode ser utilizada como uma ferramenta de autoconhecimento, dialogando com práticas de autocuidado. *Ikigai* é uma palavra japonesa e significa prazeres e sentido da vida (“iki”: viver, e “gai”: razão). O *Ikigai* pode ser descrito como “a razão pela qual nos levantamos todas as manhãs” (GARCIA MIRALLES, 2018; MOZI, 2018). A ideia na prática foi a de fornecer uma ferramenta que auxiliasse na construção dos próprios objetivos e metas de vida dos(as) estudantes.

Figura 4 - Produção da mandala Ikigai com estudante. Na imagem, estudante e professora trabalham na construção do diagrama com auxílio do alfabeto móvel.



Quanto à conexão prática do trabalhado sobre medicina africana, com o uso de plantas medicinais, ainda voltado ao autocuidado e saúde mental e coletiva, apresentou-se aos estudantes a ideia da filosofia Ubuntu. De acordo com esta, as realizações e a própria ideia de sucesso vem de uma construção que é coletiva, e não individual. Eu sou porque nós somos (VASCONCELOS, 2017). A ideia da filosofia Ubuntu, além de contribuir para um enriquecimento sobre a cultura africana, teve o objetivo de discutir a importância de conceitos e valores como empatia e trabalho conjunto, seja em sala de aula, seja na vida para além dela. Assim, após discussões foi realizada uma construção coletiva em que a palavra Ubuntu estava ao centro de uma folha e, de maneira complementar, cada estudante foi registrando nesta folha sua impressão sobre o que representava Ubuntu. Ao final, a turma havia construído, coletivamente, sua percepção de fazer conjunto e sua importância.

Figura 5. Processo de produção da construção conjunta evidenciando o significado da filosofia Ubuntu.



Como forma de verificação e consolidação de aprendizados, foi proposta a construção de um mapa mental sobre os conteúdos do trimestre, no qual, de maneira esquemática os(as) estudantes foram registrando palavras-chaves ou frases que representassem o que haviam aprendido de cada conteúdo. Após, ao final das aulas teórico-práticas realizou-se um bingo dos saberes, a fim de recordar conceitos trabalhados no trimestre. A atividade lembra um bingo tradicional com o diferencial de conter conceitos ao invés de números (os quais foram trabalhados ao longo do trimestre, como: plantas medicinais, *Ikigai*, camomila, Ubuntu, entre outros) e exigir a lembrança da definição desses conceitos quando estes são sorteados no bingo. Assim, quando o termo Ubuntu é sorteado, por exemplo, além dos(as) estudantes marcarem o termo na cartela (se tiverem), pontuam também aqueles que corretamente explicarem o que esse termo significa. Essa prática tem sido de grande valor no fechamento de conteúdos, como resgate de memórias e verificação de aprendizagens. Também foi entregue aos participantes, um sachê de camomila para chá (construído pelas professoras), como uma lembrança do trabalho ao longo do trimestre.

Figura 6: Lembrança do trimestre entregue aos estudantes como agradecimento pela construção conjunta, bem como forma de relembrar o trabalho no trimestre.



Como culminância dos trabalhos do trimestre, oportunizou-se um momento de diálogo com a professora Dra. Henriqueta Tereza do Sacramento, o qual abordou a utilização de plantas medicinais no tratamento de diversas doenças. No diálogo, no formato de roda de conversa, os estudantes trouxeram as questões, as quais foram sendo respondidas conjuntamente, unindo saberes acadêmicos e populares, em consonância com o projeto político-pedagógico freireano da EMEF EJA Professor Admarco Serafim de Oliveira.

Figura 7. Registros da roda de conversa sobre saúde pública, plantas medicinais e medicina popular, fitoterapia e outros relacionados, com a professora doutora Henriqueta Tereza do Sacramento e estudantes, professores e demais componentes da EMEF EJA ASO.



No último trimestre de 2022, no início de Novembro, foi realizado o seminário trimestral da EMEF EJA Professor Admardo Serafim de Oliveira, com o tema: Relações étnico-raciais. O evento oportunizou a apresentação dos trabalhos realizados com as turmas sobre as plantas medicinais de origem africana e também indígena. Exposição de exemplares de plantas, cartazes, livretos, compuseram a exposição realizada, evidenciando o trabalho realizado pelos estudantes da escola em alinhamento à proposta pedagógica da bidocência realizada no trimestre com as disciplinas de Ciências e História (Figuras 2 e 3). As culminâncias realizadas do trabalho, bem como os resultados coletados ao longo do processo pedagógico evidenciaram pontos exitosos no trabalho com a temática, bem como com as estratégias didáticas escolhidas. Além da apresentação de novos saberes, o aprofundamento de saberes prévios, populares, e o compartilhamento destes possibilitou novas trocas e um enriquecimento grandioso acerca da temática trabalhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência aqui compartilhado tem o objetivo de contribuir na práxis docente de conteúdos de Ciências e História (principalmente, mas não apenas) com uma alternativa contextualizada e passível de reprodução pelos pares de assuntos como medicina popular, tradicional, saberes ancestrais, práticas medicinais do oriente e sua extensão de práticas no Brasil, plantas medicinais e fitoterapia, entre outros. Ainda, muitos saberes se relacionam à prática da Educação para as

relações étnico-raciais (ERER), preconizada nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, como o trabalho de conteúdos relacionados à práticas medicinais africanas e indígenas utilizadas no Brasil. As atividades compartilhadas oportunizaram uma experiência pedagógica rica de imersão nos saberes dos educandos e educandas e contribuições igualmente ricas e relevantes para os diversos agentes envolvidos (educandos/as e docentes), de forma que, avalia-se como preciosa a contribuição para possível replicação das atividades em outras unidades escolares, bem como para registro da construção para possíveis aplicações futuras na mesma escola com adaptações/aprimoramentos (sempre possíveis) da prática.

AGRADECIMENTO

Durante todo o trimestre, houve uma participação ativa dos estudantes nas atividades propostas. O interesse em ‘re-conhecer” plantas que já fazem parte do cotidiano dos estudantes, proporcionou um ambiente de troca e de valorização do conhecimento popular e da medicina tradicional. Por isso, um agradecimento a todos os/as estudantes que compartilharam seu conhecimento para a construção do aprendizado sobre o tema.

Também cabe um agradecimento especial a todo o grupo da gestão escolar e Conselho Técnico Administrativo (CTA) da EMEF EJA Prof. Admardo Serafim de Oliveira que deram todo o apoio para a realização das atividades propostas no decorrer do trimestre.

Agradecemos também à professora doutora Henriqueta Tereza do Sacramento pelo rico momento de troca com estudantes, professores e demais funcionários da escola. As contribuições desse dia foram muito valiosas para a formação de todos os presentes.

Um agradecimento especial aos familiares das professoras escritoras deste relato. A família tem sido a base para a construção de cada etapa profissional, ao lado de cada conquista. Essas pessoas são as que nos garantem uma rede de apoio que oportuniza esse tempo de qualidade e também a saúde necessária para que tudo isso aconteça. Muito obrigada por tanto!

REFERÊNCIAS

GARCÍA, Héctor; MIRALLES, Francesc. Ikigai: Os segredos dos japoneses para uma vida longa e feliz. Editora Intrínseca, 2018.

JAMES, Peter Bai, et al. Traditional, complementary and alternative medicine use in Sub-Saharan Africa: a systematic review. *BMJ global health* 3.5: e000895. 2018.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José A. Plantas medicinais no Brasil. Nativas e exóticas. 2 ed. São Paulo: Plantarum. 537p. 2008.

MASCARENHAS, Érica Larusa. Produção científica africana e afrocentricidade: beleza, saúde, cura e a natureza holística da ciência africana. Dissertação de mestrado - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2021.

MOGI, Ken. Ikigai: Os cinco passos para encontrar seu propósito de vida e ser mais feliz. Editora Alto Astral Ltda, 2018.

NESPOLI, G. et al. Educação popular e plantas medicinais na atenção básica à saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2021. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/educacaopopularplantasmedicinaisatencaobasicasaude_2023.pdf. Acesso em 18 de novembro de 2023

PMV. Vitória utiliza plantas medicinais para promover a saúde da população. Prefeitura de Vitória, 2023. Disponível em: <https://www.vitoria.es.gov.br/noticias/vitoria-utiliza-plantas-medicinais-para-promover-saude-da-populacao-34055>. Acesso em 18 de novembro de 2023.

SAAD, Gláucia de Azevedo; LÉDA, Paulo Henrique de Oliveira; SÁ, Ivone Manzali de;

SEIXLACK, Antonio Carlos de Carvalho. Fitoterapia Contemporânea: Tradição e Ciência na Clínica Prática. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

SENAR. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Plantas medicinais aromáticas e condimentares: produção e beneficiamento / Serviço Nacional de Aprendizagem

Rural. – Brasília: SENAR, 2017. 124p.; il. – (Coleção SENAR) ISBN: 978-85-7664-180-3. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/213-PLANTAS-MEDICINAIS.pdf> . Acesso em 19 de novembro, 2023.

SOUZA, Mônica Lima. Por que conhecer a história da África? Academia.edu, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/7992967/Porque_conhecer_a_Hist%C3%B3ria_da_%C3%81frica Acesso em 16 de novembro de 2023.

VASCONCELOS, Francisco Antonio de. FILOSOFIA UBUNTU. Logeion: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, RJ, v. 3, n. 2, p. 100–112, 2017. DOI: 10.21728/logeion.2017v3n2.p100-112. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/3841>. Acesso em: 19 de novembro de 2023.

VAZ, A. P. A.; JORGE, M. H. A. Babosa. EMBRAPA Pantanal. 2006. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/812818/camomila>. Acesso em 19 de novembro de 2023.

VAZ, A. P. A.; JORGE, M. H. A. Boldo. EMBRAPA Pantanal. 2006. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/812819/1/FOL74.pdf>. Acesso em 19 de novembro de 2023.

VAZ, A. P. A.; JORGE, M. H. A. Camomila. EMBRAPA Pantanal. 2006. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/812818/camomila>. Acesso em 19 de novembro de 2023.

VIGGIANO, Giuliana. Como a medicina tradicional da África pode ajudar no combate à Covid-19. Revista Galileu, 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/06/como-medicina-tradicional-da-africa-pode-ajudar-no-combate-covid-19.html> . Acesso em 18 de novembro de 2023.

WHO. African Traditional Medicine Day 2022. World Health Organization, 2022. Disponível em: <https://www.afro.who.int/regional-director/speeches-messages/african-traditional-medicine-day-2022>. Acesso em 19 de novembro de 2023.

WHO.WHO traditional medicine strategy: 2014-2023. World Health Organization, 2013. Disponível em: https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/92455/9789241506090_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em 19 de novembro de 2023.

ANEXO I.

Samba-enredo trabalhado com as turmas, conjuntamente com os saberes curriculares evidenciados no texto e populares compartilhados pelos e pelas estudantes. Samba-enredo de 2017 da Associação Cultural Social e Esportiva Grêmio Recreativo Escola de Samba (A.C.S.E.G.R.E.S.) Novo Império, de Vitória, bairro Caratoíra.

A Cura Para o Mundo Está Aqui, Vitória, Um Manto Cheio de Esperança - A.C.S.E.G.R.E.S. Novo Império (2017).

Quem vem lá
É o novo império, é muito sério
Paixão verdadeira
E o meu pavilhão, vai tremular
Caratoíra unida a cantar

Bate o tambor
Ô deixa a gira girar
Canto pro meu orixá, axé
A nossa força é africana
Traz o xirê de um povo de fé

Vem das matas a cura para humanidade
Ervas, medicinais
Cultuadas pelos nossos ancestrais
Cruzou o mar, da África para o Brasil
Os negros desta pátria mãe gentil
Trouxeram a sabedoria
Mistérios, magias, crenças e rituais
Herança que a negritude nos traz

Folhas, plantas, sementes
Que curam a gente de todo o mal Tem lá
no fundo da mata
Um caboclo que faz todo um ritual Eu
vou me banhar
Nas cachoeiras, rios e cascatas
Me purificar, com peregrum e aroeira
A cura para o mundo está aqui
Vitória nosso canto é de amor
Meu pai Ossain, o nosso protetor